“Mito mata”: pichações e cartazes de rua na São Paulo pandêmica

“Mito mata”: graffiti and street posters in pandemic São Paulo

Letícia Zanon Yokoi e Marcelo Yokoi

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/11525>

DOI: 10.4000/pontourbe.11525

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Letícia Zanon Yokoi e Marcelo Yokoi, «“Mito mata”: pichações e cartazes de rua na São Paulo pandêmica», *Ponto Urbe* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 27 dezembro 2021, consultado o 31 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11525> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11525>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 dezembro 2021.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“Mito mata”: pichações e cartazes de rua na São Paulo pandêmica

“Mito mata”: graffiti and street posters in pandemic São Paulo

Letícia Zanon Yokoi e Marcelo Yokoi

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 24/06/2021

Aceitação / Accepted 20/09/2021

- ¹ Ao passar pelas imediações do Hospital das Clínicas, zona oeste da capital paulista, nossos olhares são atraídos para um colorido painel localizado numa empena de 440m². Nele vemos profissionais da saúde usando máscaras cirúrgicas transparentes, numa obra feita pelo artista visual e grafiteiro Alexandre Orion em parceria com a prefeitura¹. Ao seguir em direção ao centro da cidade, na Rua da Consolação, podemos observar intervenções urbanas de artistas que, sem qualquer tipo de promoção ou autorização por parte das autoridades governamentais, referenciaram o atual momento pandêmico tecendo suas críticas diretamente nos muros, por meio de frases ou imagens.
- ² Poder público e arte de rua possuem relações que vão do conflito, controle e coerção à legitimação e parcerias (Leal, 2018). O Estado define qual arte deve ou não ser feita nas ruas, estabelecendo o que é crime ou não, arte ou não. Segundo seus critérios, o *graffiti*, dentro dos parâmetros legais, seria valorizado e digno de nota, enquanto a pichação² ou a “propaganda irregular”, imprópria e fora das normas, digna de repressão, um delito³. Neste ensaio iremos considerar essas manifestações artísticas não autorizadas pelo poder público que, vistas pelo mesmo como “atos de vandalismo” e “poluição visual”, expuseram o tema da pandemia no Brasil através de pichações e colagem de cartazes.
- ³ Não é de hoje que política e arte de rua andam juntas. Na antiguidade os romanos utilizavam as paredes e muros como suporte para expressões populares de apoio e crítica ao governo, envolvendo inclusive o humor. Avançando no tempo, já no século

XX, após a criação do *spray*, inscrições em muros e paredes puderam ser vistas nas jornadas de Maio de 1968, nas quais foi utilizada esta nova ferramenta de protesto (Gitahy, 1999). No Brasil, durante este período, a população se mobilizava contra o regime ditatorial instaurado no país desde 1964 e algumas formas de manifestar oposição eram a pichação, a produção e fixação de cartazes lambe-lambe⁴.

- 4 Com o advento da pandemia atual e o papel deletério do governo federal na condução das políticas sanitárias (e não só), muitos artistas expressaram o descontentamento nas paredes e muros da cidade.
- 5 Entre os meses de março e junho de 2021⁵, tempos de CPI da COVID no senado, elevadíssimas taxas de mortes diárias no país e grandes manifestações de rua, percorremos algumas das principais vias das zonas oeste e central da cidade de São Paulo e registramos, com uma câmera compacta, algumas marcas da indignação popular. Nas imagens podemos ver críticas irônicas e diretas ao atual presidente Jair Bolsonaro e à sua gestão, bem como a narrativa de responsabilidade ética com um cunho “educacional”, fazendo referência ao uso de máscara. Entre elas há ainda uma pichação que evoca a pandemia para falar da violência policial, problema social que atinge principalmente a população periférica, uma das mais afetadas por essa junção nefasta de Covid-19 e carência de políticas públicas e sanitárias.

ZANON-YOKOI, Leticia. Nunca foi uma gripezinha. 19J. (Avenida Paulista) 2021.

ZANON-YOKOI, Letícia. Não vejo, não ouço, não falo. (Avenida Paulista) 2021.

ZANON-YOKOI, Letícia. Usa a p*rra da máscara. (Avenida Paulista) 2021.

ZANON-YOKOI, Letícia. Não usei máscara, eu também não. (Rua Natingui) 2021.

YOKOI, Marcelo. Ame sua família, respeite o próximo, use máscara. Fora Bolsonaro! (Ponte Bernardo Goldfarb). 2021.

YOKOI, Marcelo. + de 300 mil mortos. Ligue os pontos. (Esquina da Avenida Afrânio Peixoto e Rua Alvarenga) 2021.

YOKOI, Marcelo. Bolsonaro Genocida. (Cemitério São Paulo, Rua Luís Murat) 2021.

ZANON-YOKOI, Leticia. + de 300 mil mortes, mito mata. (Cemitério da Consolação, Rua da Consolação) 2021.

YOKOI, Marcelo. Corona mata menos q. a PM. (Rua da Consolação) 2021.

YOKOI, Marcelo. Todos morrem um dia. (Rua Cardeal Arcoverde) 2021.

BIBLIOGRAFIA

GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEAL, Gabriela Pereira de Oliveira. Cidade: modos de ler, usar e se apropriar - uma etnografia das práticas de graffiti de São Paulo. 235 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Antropologia Social, USP, São Paulo, 2018.

LIMA, Priscila N. P. de. Protesto e spray: o graffiti e a pichação como forma de intervenção artística e política na ditadura militar na cidade de São Paulo. 164 f. Dissertação (Mestrado) Curso de História, UFSC, Florianópolis, 2018.

PEREIRA, Alexandre B. De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo. 127 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Antropologia Social, USP, São Paulo, 2005.

_____. Marcas de vida na paisagem de São Paulo: a “pichação” como epitáfio de uma cidade vandalizada. Revista de Estudios Sociales, Bogotá, n. 72, p. 58-69, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2020000200058. Acesso em 15 de junho de 2021. <https://doi.org/10.7440/res72.2020.05>

NOTAS

1. Este trabalho é parte do projeto Museu de Arte de Rua (MAR), realizado pela Prefeitura de São Paulo. Na edição de 2020, se propôs a produção de 23 obras de arte urbana relacionadas de alguma forma à Covid-19.
 2. Pichação e pixação, com “x”, são termos que se diferem. O primeiro remete às mensagens legíveis em muros e edificações enquanto o segundo ao ato de escrever nomes em letras estilizadas (Pereira, 2005; 2020).
 3. A lei 12.408/11, apesar de pensar uma descriminalização do grafite, vem a forçar uma divisão entre *graffiti* e pichação. Ver Pereira, 2020.
 4. Sobre *graffiti* e pichação durante a ditadura militar em São Paulo ver Lima, 2018.
 5. Já no segundo ano da pandemia de COVID-19, no fim do mês de março, o país contabilizava mais de 300 mil óbitos por COVID-19, ao fim de abril, mais de 400 mil e, em junho, ultrapassou a marca de 500 mil.
-

AUTORES

LETÍCIA ZANON YOKOI

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo

E-mail: leticiazanon90@gmail.com

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-0027-6707>

MARCELO YOKOI

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos

E-mail: marceloyokoi@usp.br

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-0220-7684>